

# mente



ANO V - Nº 1 (2ª Série) JAN/FEV 91



Jornadas pedagógicas - para quê? <b>interventivamente</b> Miguel Baio	4
Que fé no CNE? <b>união do mente</b> A. Cardoso	6
Voltámos às Catacumbas? <b>fezadamente</b> Jorge Lima	23
Estaremos legais? <b>mandamente</b> José Alfaiate	24
Que é que pensa disto? <b>entrevistadamente</b> Manuel Tomás	26

## SUMÁRIO

### união do mente

Porque será que, jovens todos, os escuteirinhos e os meninos dos vários grupos paroquiais se tratam como se, uns ou outros, tivessem lepra?

A. Cardoso

### fezadamente

E acredito que vamos voltar a ter aquele arzinho feliz. E olhando para nós, o Imperador talvez queira experimentar...

Jorge Lima



# mente

ANO V - Nº 1 (2ª Série) JAN/FEV 91

## No fundo...

DIRIGENTES ...  
TÃO DIFERENTES QUE  
ELES SÃO

Será que, no CNE, a forma de actuar de cada dirigente depende apenas do modo como a Associação lhe fez entender o método escutista?

Pensamos que não. Que outras razões existem para explicar a extraordinária diferença de atitudes que eles apresentam. Como serem da cidade ou do campo... Escoseses ou Iraquianos...



## FICHA TÉCNICA

Publicação do  
movimento de encontro  
novas tendências escutistas

### Propriedade

Agr. 109-Stº António dos Olivais (Coimbra),  
235-Figueira da Foz e 358-Sé Nova (Coimbra)



CNE

-Instituição de Utilidade Pública-  
**Redacção e Administração**  
Apartado 3089 - 3000 COIMBRA

Director - João Armando

Chefe de Redacção - Zé Alfaiate

Redacção - A. Cardoso, Carlos Sousa Santos, Cila Rodrigues, Cristina Quadros, Isabel Ferreira, João Armando, José Luís Malaquias, José Meneses, Miguel Baio, Zé Alfaiate

Edição electrónica - Nuno Branco

Impressão - Tipografia Lousanense - Lousã

Depósito Legal - 7794/87

Tiragem - 1000 ex.

Registo de Publicações Periódicas nº 112912

Assinatura (anual - 6 números) - 600\$00







## (Re)Começemos hoje,

**E**ntusiasmo, vontade, incerteza, esperança e expectativa são sensações que nos invadem. Assim como responsabilidade. A responsabilidade de tentar fazer diferente, de nos libertarmos dos velhos vícios para recriar um espaço que já existe.

Eis o principal objectivo do Mente-Revista: aprofundar e alargar um espaço de diálogo, reflexão, partilha, crítica e pesquisa que enriqueça todos aqueles que nele participam (como redactores ou leitores) e consequentemente, possa ser “agente de mudança” num CNE que queremos sempre melhor, sempre mais atento ao jovem e à sua formação.

A tarefa não é fácil mas só assim vale a pena. É isto que ensinamos aos nossos jovens e este é um princípio que nos deve reger.

Até quando e onde se vai estender o projecto “Mente-Revista” é (uma vez mais) algo que não sabemos. Queremos que seja o mais alargado possível (em temas abordados, em leitores e em colaboradores) e que dure o tempo que seja julgado necessário pelos intervenientes (permanentes ou eventuais) neste espaço para cumprir os objectos para que foi criado. Nem um dia mais.

Vamos lá então pôr o CNE a pensar...  
Antes de agir.

**mentoriate**

**JOÃO ARMANDO**



## JORNADAS PEDAGÓGICAS SOLUÇÃO OU ADIAMENTO

Há já perto de 10 anos que o C.N.E. tem vindo a sentir que é necessário renovar os seus métodos de trabalho, definir os seus fins educativos, estudando, melhorando, ou

criando projectos educativos, para cada uma das quatro secções.

Todo este trabalho é demorado e, sendo feito por estruturas do mais alto nível, dificilmente consegue pôr em prática o material que vai conseguindo preparar. Não passa assim da teoria à experimentação, e esta quando acontece, não leva aos resultados a que querem chegar as estruturas que o pensaram.

É claro que este estado de crises é preocupante, pois vai-se perdendo cada vez mais tempo, os métodos aprovados continuam a distanciar-se cada vez mais das realidades e, pior do que isso, continua a haver uma secção, que apesar de criada há quase 15 anos, permanece sem ter uma proposta de trabalho, uma mística própria, um sistema de progresso adequado, etc...

**S**endo difícil passar da estruturação dos novos métodos à experimentação a nível nacional julgo que foi uma boa ideia o aparecimento das Jornadas Pedagógicas que permitiram juntar responsáveis nacionais, membros das Juntas Regionais, formadores, ou sim-

plesmente pessoas que de uma forma ou de outra tivessem contribuído para melhorar as novas propostas educativas. Ao discutir em conjunto as diferentes propostas, poderiam levar esta discussão para as suas regiões, alargando-a, de modo a que quando regressassem, viessem

com novas ideias e abertos a um diálogo mais rico e alargado.

Julgo que isto poderia ter acontecido mas que de facto não aconteceu. Num movimento como o nosso penso que é de analisar avanços e recuos, avaliar a meio do caminho e recomençar de novo o trabalho sempre que se julgue que pode ser melhorado. De facto, os presentes nas 2ª Jornadas Pedagógicas defenderam com unhas e dentes as conclusões a que tinham chegado nas primeiras, não se mostrando interessados num espírito de abertura a novas ideias, nem mostrando que tenha havido uma preocupação de avaliar as conclusões das primeiras jornadas

---

**vai-se perdendo cada vez mais tempo,  
os métodos aprovados continuam a  
distanciar-se cada vez mais das  
realidades e, pior do que isso,  
continua a haver uma secção, que  
apesar de criada há quase 15 anos,  
permanece sem ter uma proposta  
de trabalho**

---



pelas suas regiões. Houve, pelo contrário, equipas que pegaram nas conclusões das primeiras jornadas e apontaram os seus trabalhos para o desenvolvimento das ideias a que tinham chegado.

Não pretendo dizer que estes trabalhos não foram úteis, mas sim afirmar que foram talvez mal direccionados. Não pretendo também dizer que estas jornadas não serviram para nada, antes pelo contrário, julgo que se deram importantes passos em frente: separou-se de uma vez por todas a II<sup>a</sup> da III<sup>a</sup> Secções, definiram-se místicas para cada uma das Secções, uniformizaram-se os sistemas de progresso, deu-se a importância devida ao caminheiro e à vida em clã,... e talvez mais importante que isto tudo, criou-se um corpo, uma frente comum, que faça aprovar estas novas propostas e todas as alterações regulamentares que elas implicam em Conselho Nacional.

No entanto não posso concordar com alguns dos métodos escolhidos. Não posso concordar, mesmo atendendo a todo um trabalho anterior efectuado, que um dos instrumentos mais importantes na formação dos nossos escuteiros - como é o sistema de progresso -, seja feito/pensado numa noite de trabalho e sem descanso,

na globalidade em relação às quatro secções sem atender, de uma forma mais sucinta, à especificidade de cada uma das quatro secções e à idade e aos tipos de comportamento a quem se dirige.

Não posso concordar, por exemplo, que a IV<sup>a</sup> Secção seja metida no mesmo saco que as outras e que se exija ao caminheiro que ao longo de um ano faça 10 provas obri-

gresso, a não ser que a maioria das provas sejam ridículas ou sem grande sentido perdendo-se, deste modo, uma certa riqueza que o sistema de progresso deveria ter.

Mas o movimento tem esperado há já tempo demais por estas novas propostas educativas. É muito provável que elas já estejam completamente desfazadas da realidade mas, no entanto, ainda

---

---

**Não posso concordar, mesmo atendendo a todo um trabalho anterior efectuado, que um dos instrumentos mais importantes na formação dos nossos escuteiros - como é o sistema de progresso -, seja feito/pensado numa noite de trabalho e sem descanso, na globalidade em relação às quatro secções...**

---

---

gatórias, 10 opcionais e ainda mais 3 facultativas.

Não consigo entender que se considere que ao caminheiro têm que se dar provas obrigatórias por se achar que ele é um ser totalmente amorfo; que não consegue pensar. Não consigo ver como é que um caminheiro que seja obrigado a fazer tanta prova possa atingir uma nova etapa do sistema de pro-

tragam algumas inovações. Por isso julgo que é muito importante fazê-las aprovar o mais depressa possível para que se possa, mais rapidamente, pensar noutras propostas educativas.



## PALAVRAS SOBRE O MOMENTO DA ASSOCIAÇÃO

Da Fé...

Quando se frequenta um C.I.P. (você sabem, aqueles cursos para ser chefe), uma das coisas que é suposto aprender é que o Escutismo, como método pedagógico, visa desenvolver o jovem segundo cinco áreas: a inteligência/criatividade, a habilidade, a robustez, o relacionamento com os outros e a vivência da fé; não por esta ordem, acrescenta-se. Mas a verdade é que a fé vem sempre em último... Pois bem, nesta análise da nossa associação (há quem teime em dizer movimento...) vamos começar pela fé.

**E** como vai a fé no C.N.E.? Melhor ainda, como vai a Pedagogia da Fé, ou seja, o modo como os chefes e instrutores, conscientemente, planeiam ou improvisam nas suas actividades de forma a que os jovens se encontrem de vez em quando com os problemas e também com as alegrias de ser cristão?

Não estarei a exagerar se disser que, para a grande maioria dos chefes, viver a Fé é ir à Missa. Comodismo? Falta de imaginação? Pensam mesmo assim? De tudo um pouco, talvez. E o pior é que esta visão da Fé é corroborada e incentivada por muitos e muitos dos nossos Assistentes, para quem ter a casa cheia é testemunho suficiente do seu bom trabalho, não procurando informar-se de quantos dos seus "clientes" ali estão por efectivo amor a Deus e desejo de partilha com os irmãos.

Esta crítica aos Assistentes não é só minha; cada vez se protesta mais contra a falta de assistência, e não é a primeira vez que ouço um padre invocar o seu

Domingo ocupado, e logo alguém perguntar (baixinho para se não ouvir) "então e à semana?" Ainda recentemente na Região de Coimbra, numa reunião de Chefes para discutir as novas propostas pedagógicas, "caiu tudo em cima" do Assistente Regional, recentemente empossado, por causa da Assistência no CNE. Motivo da queixa: inexistência. A verdade é que, nesta década em que o Papa exorta/implora/exige aos jovens que se comprometam, torna-se bastante vulgar ver os padres evitarem o compromisso com os jovens, terem medo de chamar a si a responsabilidade de os pôr a questionar, a pensar, a agir, a amar. E por alguns sinais que vão chegando creio que o próprio Patriarca se preocupa com esta situação, o



que é óptimo: é sinal de que está insatisfeito com ela e que, como nós, deseja a mudança.

Deixemos a Assistência e debrucemo-nos um pouco sobre os grupos de jovens da Igreja (à parte o CNE).

Tenho uma colega de estudos que está à frente de um destes grupos, que visam o aprofundamento da fé e a vivência de um Cristianismo activo e interveniente por parte dos jovens. Ela sabe que eu sou Escuteiro. Um dia destes estávamos à conversa sobre as nossas actividades e ela de repente disse-me algo como isto: “- É engraçado, fazemos muitas coisas parecidas. Mas se fosses lá dos nossos Escuteiros nem nos poderíamos ver à frente”. “- Então porquê?”, perguntei eu com a ingenuidade de quem não tem tais grupos na freguesia. “-Ora, é que lá, corre tudo bem desde que não nos metamos com os Escuteiros. Eles acham que somos uns beatos do senhor prior, mas eles é que são umas bestas que fazem coisas do pioro, e o padre ainda por cima está sempre do lado deles!”

Confesso que fiquei sem saber o que dizer. Dois grupos, ambos de jovens, da mesma seita, da mesma paróquia, com objectivos semelhantes, e que não se

podiam nem ver! Lembrei-me então que na minha freguesia até há um grupo dos “Cruzados de Fátima”, só que não fazia a mínima ideia do que fizessem por lá (vim a saber depois que eles também não, mas isso não vem ao caso). Pus-me então a pesquisar como era noutros sítios. E a conclusão impôs-se: Misturas? Não, obrigado. Não há colaboração profícua entre grupos de jovens e o CNE porque um ou ambos não o desejam. E abençoadas as excepções!

Abstenho-me de dissertar aqui sobre quão vantajoso tal poderia ser para uma maior vivência da Fé em Cristo, para uma tomada de consciência de como, pelo Espírito Santo, constituímos todos um só Povo de irmãos, com um só objectivo: o de fazer o Bem, e como...

E o C.N.E.? É ele fonte de Envagelização em si mesmo? Continua a ser um espaço de voluntariado, de acção gratuita e altruísta, de congregação das insatisfações individuais contra o mundo e as suas normas materialistas, consumistas, despersonalizadoras? Somos espaço de encontro para todos, sem excepções nem marginalização?

Mas há Agrupamentos sem Fé...

Mas há milhares de

## Porquê?

para a grande maioria dos chefes, viver a Fé é ir à Missa. Comodismo? Falta de imaginação? Pensam mesmo assim?

## Receios

torna-se bastante vulgar ver os padres evitarem o compromisso com os jovens, terem medo de chamar a si a responsabilidade de os pôr a questionar, a pensar, a agir, a amar

## Afastamento

Não há colaboração profícua entre grupos de jovens e o CNE porque um ou ambos não o desejam



jovens que não sabem o que é a Boa Acção (o que não é grave) e perguntam qual a *utilidade* (!) de ser bom (o que é gravíssimo).

Mas há Agrupamentos onde aquele que é diferente, o rebelde, o que não acredita, o que não joga com as regras do Mundo (e até do CNE) porque as contesta, não é ouvido, não é amado, não é compreendido, mas tão somente "incentivado" a sair...

Mas há agrupamentos onde um determinado grupo social se instala, com prejuízo dos outros que depois não conseguem ou não querem entrar...

O que fazer?

Antes de mais, sentir-se incomodado; reconhecer que algo vai mal. E sentir vontade de modificar isso. Depois, se não há apoio efectivo do Assistente, fazer-lhe uma "ultrapassagem" à maneira, e assumir como nossa a responsabilidade de contribuir para a pedagogia da fé no Escutismo, sejamos nós chefes ou caminheiros. E procurar sempre a ajuda de quem pense como nós. Em seguida, identificadas as falhas, procurar corrigi-las

uma a uma, maximizando o número de ocasiões que se prestem à experiência da fé como algo vivo, do dia-a-dia, que é nosso e como tal nos interessa. Ensinar permanentemente com o



exemplo, com poucas palavras.

Há muitas actividades passíveis de levar a isto. Para tal basta um pouco de imaginação e apresentá-las de forma a constituírem sempre um desafio para os jovens. Podemos promover a igualdade social dando aos miúdos jogos onde desempenhem outros papéis diferentes do habitual, fazê-los "mudar de pele". Podemos ensinar aos jovens qual a organização da Igreja, explicar os seus objectivos e quais as acções que desenvolve neste momento para os atingir. Devemos marcar presença nas assembleias da Igreja, participar nos conselhos paroquiais, divulgar e discutir os textos do patriarcado, par-

ticipar activamente na Evangelização. Alertar os jovens para o testemunho de cristãos de outros continentes, para a acção de grupos de jovens, para a solidariedade social. Podemos confrontá-los com problemas da Igreja actual e levá-los a desenvolver uma opinião própria sobre eles, criar as suas próprias respostas para a defesa da sua fé, etc, etc.

A nossa acção como pedagogos da fé só estará a dar frutos quando

os nossos jovens:

- aproveitarem todos os momentos da vida em pleno, estando sempre alerta para fazer algo pelos outros, tão somente pelo prazer de fazer o Bem;
- reconhecerem na Natureza e no Homem a obra de Deus, e por tal O amarem;
- se identificarem como pertencendo ao Povo de Deus, no qual somos todos irmãos em Cristo, por acção do Espírito Santo, e como tal se amarem e respeitarem;
- se comprometerem activamente na vida e acção da Igreja;

E que para tal nunca nos falte a Fé, pois só dela vem o ânimo e a força para continuar. □



# ENCONTRO NACIONAL DE CAMINHEIROS

## A IV<sup>a</sup> SECÇÃO EM ACÇÃO E DEBATE

**25 A 28 DE ABRIL**  
FIGUEIRA DA FOZ

A IV<sup>a</sup> tem a sua nova proposta pedagógica!  
E os caminheiros? - Têm alguma coisa a dizer sobre ela?

Na Figueira o saberemos.  
Haverá debate e decisão.

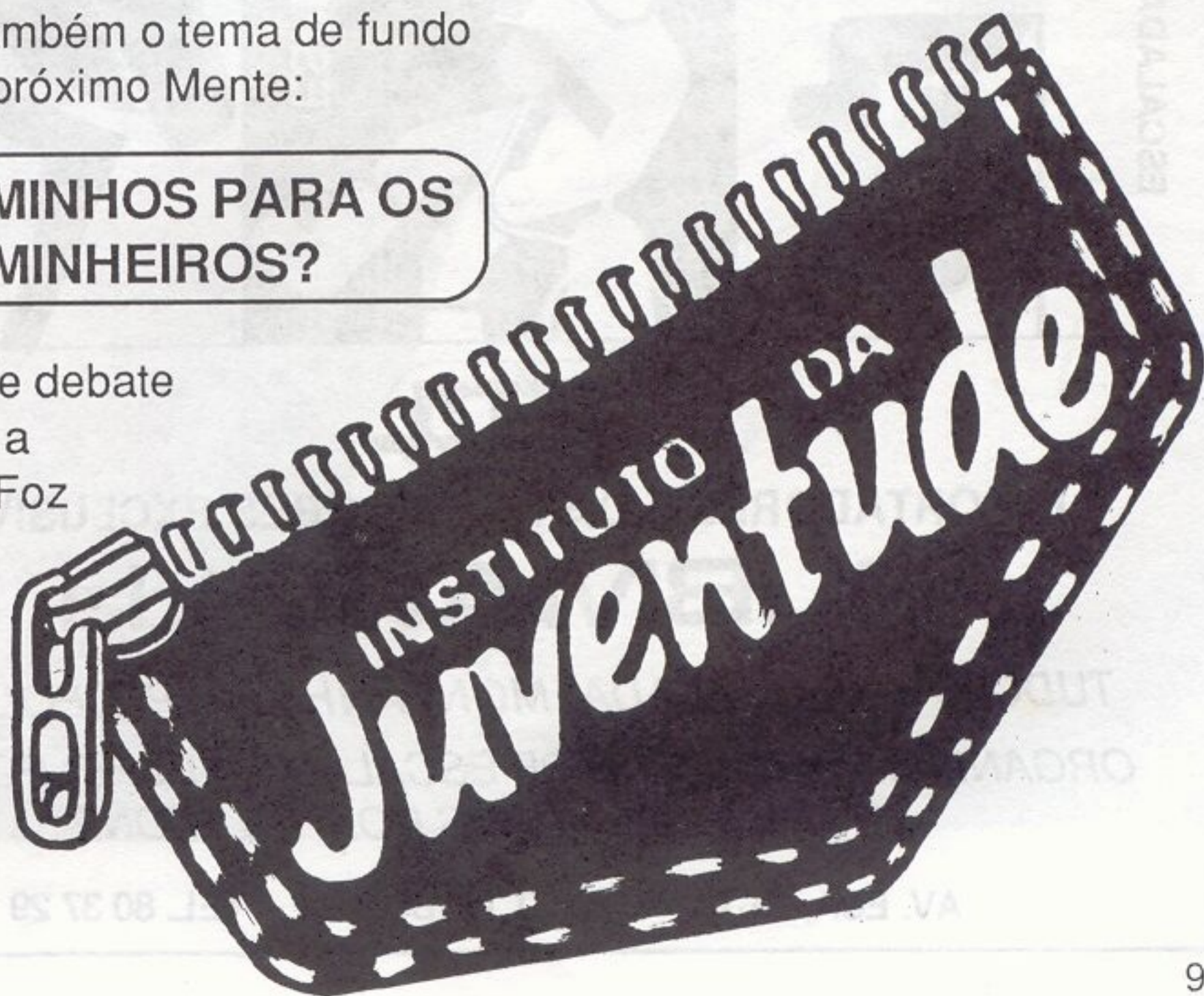
E actividades... actividades de caminheiros.

E festa... a festa de uma IV<sup>a</sup> mais forte e capaz.

Este será também o tema de fundo  
do próximo Mente:

**QUE CAMINHOS PARA OS  
CAMINHEIROS?**

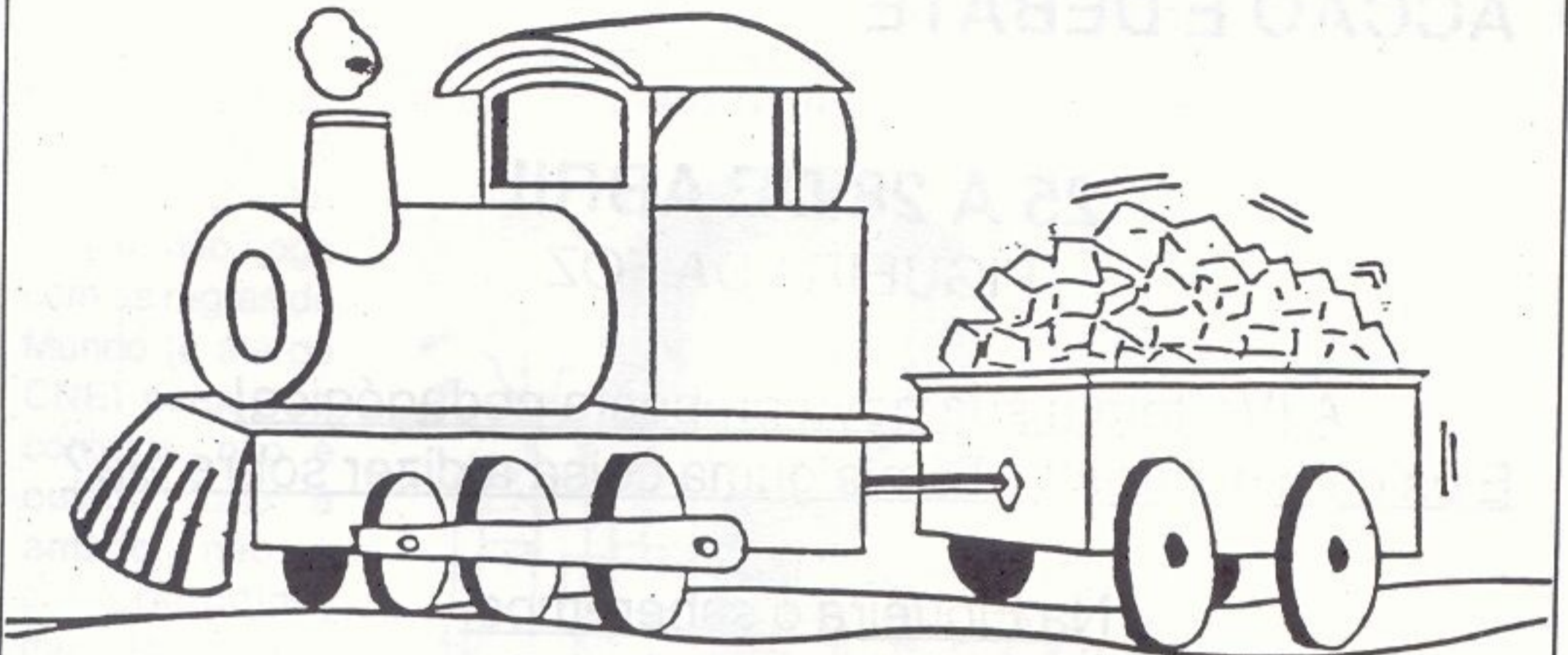
Uma base de debate  
a levar para a  
Figueira da Foz





INSTITUTO DA  
**Juventude**

COIMBRA



"Um comboio cheio de ideias."  
Informa-te já!

ESCALADA



ESPELEO



ALPINISMO



**PETZL**

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

**SUBMATE Ida**

TUDO PARA ESCALADA, MONTANHA, ESPELEOLOGIA  
ORGANIZAMOS CURSOS DE ESCALADA E ESPELEOLOGIA  
PEÇA INFORMAÇÕES POR TELEFONE

AV. EUA, 48-A • 1700 LISBOA • TEL. 80 37 29



No Fundo...

# DIRIGENTES... TÃO DIFERENTES QUE ELES SÃO!



... para a sociedade, isso vai...  
... para a sociedade, isso vai...  
... para a sociedade, isso vai...



# DIRIGENTES... TÃO DIFERENTES QUE ELES SÃO!

---

JOSÉ ALFAIATE

---

## A sempre evitada questão do escutismo do campo e do escutismo da cidade

---

**“Ninguém, nada, se explica fora do meio  
onde foi concebido e construído...”**

No ido ano de 1987 publiquei, no *Mente* em resposta a uma pergunta que me fora dirigida por uma caminheira, um artigo satírico-humorístico sob o título “Consultivamente” em que, de forma ligeira, abordava a problemática de diferença entre “os escutismos” do campo e da cidade.

Esse artigo, escrito de ânimo leve, provocou-me uma agradável surpresa: foi tremendamente mal recebido por inúmeros “campónios”, aparentemente chocados, não com qualquer frase específica ou ideia claramente expressa, mas com uma pretensa premissa de que o artigo partiria, e que seria a seguinte:

*“O escutismo do campo é diferente do escutismo da cidade!”*

Ora isto, segundo eles, é de uma perfeita insanidade mental, só possível na minha já de si mentalmente insana pessoa ou - alguns deixavam-me caridosamente essa chance de saída airosa - eu estaria a brincar e, lá bem no fundo, não me passaria pela cabeça afirmar seriamente que o escutismo urbano e rural fossem diferentes.

Tudo isto porque, segundo eles, não há dois, ou três, ou muitos escutismos. Há só escutismo praticado de acordo com o método que B.P. legou e, fora isso, algumas imitações de fraco calibre que, no fim de contas, não são escutismo (e que, se virmos bem a coisa, são sempre o escutismo praticado por 90% de outros agrupamentos que não o nosso próprio, excelente e exemplar como só ele).



Pois é verdade, de 87 para cá, para além de uns artigos no Mente a tentarem "cascar-me" sobre o assunto, tenho sido alvo de cordiais reprimendas que terminam, quase invariavelmente, com uma palmadinha nas costas que, interpretada convenientemente, quer dizer mais ou menos:

"Meteste a pata na poça, fizeste figura de urso e, principalmente, magoaste um bocadinho os sentimentos do pessoal das berças mas, deixa lá, és bom rapaz, a gente, por esta vez, desculpa-te..."

Não desculpem, que eu dispenso desculpas; não penso emendar-se e, hoje mesmo, mantenho o seguinte pensamento, inteiro, completo e sem reticências:

*"O escutismo do campo é diferente do escutismo da cidade".*

E acrescento:

*"O escuteiro do campo é, também ele, diferente do escuteiro da cidade".*

E como, pelo meu lado, sou da cidade, já sabem o partido que vou tomar se tiver que responder à grande, fundamental e perfeita pergunta que todos aqueles que me criticaram me queriam ter feito e não fizeram:

**"Qual deles é melhor?"**

Vou ser desmancha-prazeres e mandá-los à fava: "respondam vocês, se quiserem com a minha pequena ajuda, que é a que se segue e que se refere à diferente posição e às diferentes atitudes que os diferentes enquadramentos sociais conferem aos dirigentes da cidade e do campo.

**"Não me digas quem és. Não te definas subjectivamente. Diz-me antes onde moras, com quem te dás, que vida levas. Conhecer-te-ei, certamente, melhor..."**

Pois, seguindo caminho, cá estou para vos dizer que o escutismo da cidade e o escutismo do campo são muito diferentes. E que essa diferença não reside em qualquer incapacidade de um deles de ler as diversas cartilhas que

**S**egundo eles, não há dois, ou três, ou muitos escutismos. Há só escutismo praticado de acordo com o método que B.P. legou e, fora isso, algumas imitações de fraco cabibre

nos transmitem o método, os princípios, as leis... mas na forma como os lêem.

É uma questão de óculos!

Inconscientemente, levados pelos condicionamentos do meio que os rodeia, os nossos dirigentes fazem diferentes leituras de actividades e objectivos, de prioridades e de estratégias de acção. Eles são levados a ver os jovens e a actividade escuta com as lunetas de que a sociedade envolvente os dotou. Eles respondem perante ela, sofrem pressões, avisos, instruções... mesmo sem que, muitas vezes, se apercebam disso.

Mas os oculistas são diferentes; fabricam diferentes condicionamentos de visão e, através deles, diferentes condicionamentos de acção. Vai cair aqui parte da nossa análise sobre o porquê de diferenças geográficas e sociais imporem extraordinárias diferenças de acção prática num escutismo teoricamente homogéneo do ponto de vista metodológico.

Dois dirigentes, ainda que os imaginemos de formação individual (cultural, escolar, religiosa,...) semelhante, são animadores escutistas diferentes consoante lhes tenha saído em sorte orientar um grupo de jovens inserido numa comunidade rural ou um outro encravado na imensa massa urbana.

O grupo rural (de aldeia, vila, cidade pequena...) é marcado por uma extrema ligação com a comunidade (ela mesma, em si, conhecedora e interessada em todos os processos que se passam no seu seio). O grupo é, assim, objecto de uma "vigilância" constante, de um "feed-back" permanente por parte dos restantes actores da sua sociedade. Isto vai, por todas as formas, limitar-lhe a acção: para



o bem e para o mal!

Difícilmente um grupo de escuteiros de zona rural passa por um período longo de “desnorte”, no sentido que tal termo pode tomar de, como amiúde acontece nas grandes cidades, os seus elementos “passarem para o lado dos maus”, serem progagonistas de atitudes socialmente reprováveis, constituírem pequenos “gangs” que são, ao mesmo tempo, patrulhas de escuteiros, etc. (seria fastidioso arrolar aqui toda a multiplicidade de acções anti-sociais em que pode cair um grupo de jovens, qualquer que ele seja e por mais “puros e rectos” que sejam os princípios da sua formação).

Numa aldeia este grupo seria, rapidamente, alvo, em primeiro lugar, de censura geral, seguida da acção imediata das famílias, dos “caciques locais”, do pároco, ... porque os prevaricadores eram os seus conterrâneos, os seus filhos, os seus discípulos, a sua igreja próxima, palpável, indetectável...

E, rapidamente, o grupo seria dissolvido ou “entraria nos eixos”.

Mas, mais provavelmente, o grupo nunca chegaria ao “desnorte”. Porque os seus membros são melhores, mais bem formados que os dos grupos da cidade? - Nada disso! - por um lado porque esses membros têm consciência, mesmo que a não expressem por palavras, da tal, “tarefa de polícia” que a sua sociedade exerce; e não querem cair-lhe na alçada; principalmente porque, ao contrário do que sucede na grande cidade, a marginalização a que podem ser submetidos é total, não havendo, na sua comunidade, espaços de “clandestinidade”.

Mas há uma acção preventiva e eficaz. É a do animador. Ele é, também, um elemento da comunidade, também partilha os seus valores e é alvo das suas acções correctivas. Mais que os jovens (porque, afinal, a juventude justifica a “leveza” dos actos) ele tem muito a perder em prestígio pessoal, em imagem junto dos outros. Ele é o adulto e o adulto não tem desculpa.

É, pois, previsível, (e observável) que os chefes escutas dos meios pequenos sejam muito mais propensos a imporem aos seus

jovens as atitudes que a sociedade deles espera: correção, boas-maneiras, fardamento impecável, participação ordenada na missa e nas cerimónias locais... e, simultaneamente, é de esperar que esse dirigente leve, ao seu grupo, uma certa escassez de capacidade criativa, de assumpção de riscos, de tomada de iniciativas novas que nem sempre se sabe onde páram, onde levam...

Vive-se mais devagar nas aldeias. E mais calmamente. E mais de acordo com o que querem os avós e os tios...

Mas começa a ser notória a dificuldade que estes dirigentes têm de, em muitos casos, “segurar” os seus rapazes. À medida que o mundo muda, que nos liceus ou na televisão a cultura de uma pretensa “sociedade global” invade os nervos, os músculos, os pensamentos e as acções de todos os jovens, a aldeia torna-se um castelo assediado e o chefe escuta um alcaide com dificuldade de convencer as suas tropas de justeza da luta.

E, pondo de lado outro tipo de imagens, torna-se cada vez mais notório que quando abandonados momentaneamente pelo dirigente ou chefiados por algum “novato” menos apertado pelo tecido social que o envolve, estes jovens assumem, com uma frequência alarmante, as mesmas atitudes que os nossos

---

**D**ois dirigentes, ainda que os imaginemos de formação individual (cultural, escolar, religiosa,...) semelhante, são animadores escutistas diferentes consoante lhes tenha saído em sorte orientar um grupo de jovens inserido numa comunidade rural ou um outro encravado na imensa massa urbana.



**É**, pois, previsível, (e observável) que os chefes escutas dos meios pequenos sejam muito mais propensos a imporem aos seus jovens as atitudes que a sociedade deles espera

---

“chefes campónios” tantas vezes apontaram como próprias dos “cidadinos”.

A muitos destes chefes resta uma atitude para “manter a face”.

- “Façam o que fizerem lá fora, nos escuteiros portam-se como eu quero”!

**“E aqui, onde ninguém me vê, sou mais eu. Ou será, verem-me parte de mim?”**

E o cidadão?

É diferente, já o dissemos. Está mergulhado num mar de gente que não se conhece, que não estabelece relações, cuja acção de repressão das condutas alheias dificilmente passa as fronteiras da família nuclear. Gente que, para o papel de preservação da ordem social, tem polícias e (espera com alguma fé) professores façanhudos que ensinem as crianças a portarem-se!

Quando a regulação das acções sociais é uma tarefa especializada de alguns (ou de todos, mas cada um no seu campo específico) um homem deixa de ter nome na boca dos que o redeiam. A vizinhança é uma questão meramente geográfica. Entra-se na anonimidade. E é a anonimidade que marca a sociedade urbana. E é ela que marca o escutismo urbano.

Aqui, o grupo pode, muito mais facilmente, cair no “erro”, sem que seja de esperar uma atitude correctiva de sociedade. Alguns pais podem vir dizer que “esperavam que os escuteiros ensinassem melhores princípios aos

seus filhos” mas, mesmo que esses jovens abandonem o grupo, outros os substituem e as críticas ficam fechadas nas paredes das casas de quem as faz. Cria-se, de certa forma, uma irresponsabilidade social do grupo (apenas no sentido de que não há quem, de forma pre-emptória, lhe peça responsabilidades e não no sentido de que o grupo não se “comporte responsabilmente”, facto que tem que ser avaliado caso a caso, momento a momento).

Se não se dirigem críticas ao grupo, também o animador fica, em certa medida (tudo isto é relativo) livre delas. Também ele está irresponsabilizado (o que, mais uma vez, não quer dizer que seja irresponsável).

Qual a parte má da situação? - aquela que já descrevemos, e que tem a ver com a possibilidade de o grupo tornar “o freio nos dentes”.

E há uma parte boa?

Há! Excelente, mesmo.

É que esta situação cria uma outra: a da liberdade de acção, da capacidade de experimentar, errar e corrigir.

Tanto quanto nos é possível dizer, esta situação de anonimidade do dirigente permite-lhe correr riscos, experimentar novas soluções, discutir novos problemas com os seus elementos; deixar que estes errem e ter para com eles a pedagogia da correcção do erro que, muitas vezes, é substituído, nos grupos dos meios mais pequenos, pela expulsão ou pelo castigo.

E, ainda, é aqui, na anonimidade, que bem ou mal, surgem, se testam e se implementam novas e porventura mais proveitosas formas de vivência.

Ou de como, se vocês, por exemplo, se derem ao trabalho de ver o que se passa com a coeducação no C.N.E. (inclusivamente com algumas passagens “cautelosas” das novas propostas pedagógicas) poderão, penso que sensatamente, chegar à minha conclusão.

**“Há um escutismo no campo!  
Há um outro na cidade!”**



# DIRIGENTES... TÃO DIFERENTES QUE ELES SÃO!

---

JOSÉ LUÍS MALAQUIAS

---

## Onde se pode ver como diferentes culturas hão-de fazer nascer escutismos diferentes

---

Desde há uns anos até agora, tenho tido diversas oportunidades de contactar com realidades culturais muito diferentes da do nosso país. A comparação de diferentes culturas sempre foi um assunto que me fascinou. A variedade de fenómenos imprevisíveis que podem suceder quando se põem em contacto directo elementos provenientes de diferentes culturas é interessantíssima.

Um exemplo caricato do choque cultural a que me estou a referir foi o de um homem de negócios português que, estando hospedado por uns dias em casa de um director da companhia japonesa para que trabalhava, foi convidado a tomar um banho na "piscina". Ao chegar à piscina que, afinal, não era mais que uma banheira um tanto sobredimensionada, constatou que, juntamente com o director, estavam dentro da piscina a esposa e a filha do director. É óbvio que esta situação nada teria de espantoso, à parte um pequeno pormenor: todos os três estavam vestidos (despidos?) com a roupinha com que nasceram, se me permitem o eufemismo. Aquela pobre alma lusitana acabara de descobrir, de uma forma um tanto brusca, que, na cultura japonesa, não existe um sentimento de vergonha em relação ao corpo semelhante ao que faz parte da maneira de ser ocidental.

Mas os seus tormentos não tinham ainda acabado: vendo-se na impossibilidade de recusar a sua própria participação no banho comunal - instituição de forte conteúdo social no universo cultural daquela família -, mas sentindo-se ainda demasiado apegado aos seus valores ocidentais para largar o roupão e juntar-se aos seus anfitriões, viu-se perante um grave dilema - fugir dali ou entrar para a água. De imediato elaborou um estratagemma para sair airosa-



mente daquela situação. Aproximou-se despreocupadamente da borda da "piscina" e aguardou uns instantes. Aproveitando um momento em que as atenções deixaram de convergir sobre si, largou o roupão e preparou-se para entrar na água tão depressa que não desse tempo "para se ver nada". Azar dos azares... a água estava a escaldar. O choque térmico foi de tal maneira grande que se esqueceu do choque cultural e abalou dali para fora em pelota, marimbando para todas as convenções sociais de qualquer uma das culturas.

Esta história, embora pareça exagerada (aquele Malaquias está sempre a aldrabar como uma nova), foi-me contada como sendo verdadeira. Eu, pessoalmente, acredito piamente nela pela simples razão de que já passei, eu próprio, por histórias semelhantes, ou talvez ainda piores, que me abstenho de contar em defesa da minha intimidade pessoal e do tamanho deste artigo, que já aqui vai e eu ainda não disse metade do que tinha para dizer (talvez não fosse má altura para aproveitar a deixa e passarem para o artigo seguinte, que este já está a pregar seca).

Ai, afinal continuam? Ótimo!... Há doidos para tudo... Pelo menos, vão saber o que é que isto tudo tem a ver com o escutismo.

A relação é muito simples. Alguns dos fenómenos de choque entre culturas mais engraçados (outros também bem tristes) que tenho encontrado, têm sido em actividades escutistas envolvendo elementos de diferentes nacionalidades. Presumo que isso aconteça porque numa actividade escutista os elementos são levados a um convívio mútuo muito mais directo do que aquele que ocorre, por exemplo, numa simples visita turística. Surgem, por isso, mais facilmente os mal-entendidos, as incompreensões, os choques de convicções, etc.

Julgo mesmo que esse tem sido um aspecto muito descuidado nos nossos jamborees, em que há a tendência para pensar que basta convidar um grupo de estrangeiros e já se está a organizar uma iniciativa de âmbito internacional, com a qual se pode acenar à im-

prensa e aos "dadores de subsídios". Na realidade, um jamboree para resultar em pleno necessita que se dispensem muitos cuidados à integração dos jovens convidados estrangeiros nos grupos. É necessário facilitar-lhes as traduções. É preciso um certo cuidado para não ofender certos usos e costumes dos respectivos países - para um grupo árabe, por exemplo, é necessário atribuir-lhes um espaço de acampamento exclusivo em que ninguém poderá penetrar sem prévia autorização do seu dirigente, pois na tradição árabe o acampamento constitui um local sagrado e inviolável. Contudo, muito mais importante do que tudo isso, é necessário mentalizar os dirigentes anfitriões para a necessidade de ter em conta a maneira de ser própria dos visitantes, evitando cair na atitude de "Se eles estão cá, hão-de agir à nossa maneira...", que é infelizmente tão comum entre os nossos dirigentes.

De facto, tenho assistido a algumas situações em que mais valia não se ter convidado certos grupos, pois o que lhes foi pedido (exigido) foi que se transformassem em mais um grupo de portugueses, o que era manifestamente impossível visto não dominarem a língua e terem costumes e métodos de trabalho diferentes. Alguns houve que acharam que tinham sido convidados só para a organização ostentar mais bandeiras a flutuar nos mastros e que, ao invés de os procurarem para aprenderem com eles métodos diferentes de trabalho - o que, só por si, já seria um

---

**D**e facto, tenho assistido a algumas situações em que mais valia não se ter convidado certos grupos, pois o que lhes foi pedido (exigido) foi que se transformassem em mais um grupo de portugueses



bom motivo para os convidar -, lhes iam apenas exigir que respeitassem os costumes locais. Esses costumes incluíam, por exemplo, ordens transmitidas por altifalantes... em português!

De todas essas experiências que tenho observado ficou-me um pormenor curioso - os choques culturais dão-se sobretudo com os nossos grupos etários mais elevados (dirigentes e caminheiros mais velhos). Nas secções, a integração é, regra geral, mais pacífica e há



normalmente uma grande aceitação por parte dos nossos jovens. Um episódio que me recordo foi o de um grupo de lobitos que encontrei certa vez a aprender uma dança bávara muito engraçada com um grupo de séniores alemães que, até aí, sentira grandes dificuldades em integrar-se em outras actividades do campo. Paradoxalmente, esta brincadeira foi interrompida por um dirigente sob o pretexto de não estar programada para aquela hora nenhuma actividade de convívio entre secções.

É pena que, pelos vistos, sejam os nossos dirigentes que colocam mais obstáculos a uma maior compreensão entre culturas, quando deveriam dar um exemplo de abertura a novas ideias. Isso, por um lado, compreende-se se constarmos que o ser humano, com o avanço da idade, tem tendência a flexibilizar-se menos e a virar-se mais para o próprio umbigo, à medida que se vai sentindo mais senhor da razão - talvez esse fosse um bom argumento a favor da opção por dirigente mais jovens.

Tudo isto que eu disse até agora parece muito fácil é óbvio no papel. Julgo que todos

estarão de acordo com as linhas gerais deste artigo até agora. Todos achamos que deve haver uma maior compreensão entre culturas, uma maior flexibilidade, um maior diálogo, blá blá blá, blá blá blá... Contudo, uma outra característica interessante do choque cultural é a forma como todo o panorama se modifica quando aplicado à nossa própria pessoa. De facto, todos achamos que perante uma das situações que já referi, teríamos agido com muito mais tacto e muito mais abertura. Infe-

lizmente, no "campo de batalha", a coisa muda muito...

E por mim próprio falo, pois apesar de estar para aqui a arrotar postas de pescada, também já cometi as minhas argoladas e já me encontrei perante situações em que fiz juízos precipitados de certos comportamentos, sem ter em atenção realidades culturais diferentes da minha. O episódio seguinte - haverá muitos mais, mas normalmente nem sequer reparamos quando estas coisas acontecem - é disso exemplo: Tendo-me sido pedido para alojar numa sede um grupo estrangeiro convidado, constituído por juniores e caminheiros de ambos os sexos, indiquei-lhes duas salas onde poderiam albergar. De imediato, o dirigente do grupo explicou aos seus elementos que os juniores ficariam numa sala e os caminheiros na outra. É óbvio que o critério também poderia ter sido outro - rapazes para um lado, raparigas para o outro, por exemplo - mas preferi deixar ao critério do dirigente a disposição do grupo, tanto mais que, para mim, era perfeitamente indiferente - acho que nem sequer me ocorreu a questão na altura e ainda não era um assunto



muito em voga na nossa região, como parece ser agora.

Em seguida, sendo já tarde, o mesmo dirigente deu ordens para que os juniores se fossem despir e deitar. Achei curioso que estes, de imediato, se começaram a despir uns em frente dos outros sem que isso os perturbasse minimamente. Houve um, contudo, que se começou a tentar servir de uma toalha para se tapar enquanto se despia. De imediato, o dirigente se aproximou e lhe explicou - carinhosamente, diga-se - que não o deveria fazer, pois nenhum dos outros se estava a cobrir e ele não se deveria envergonhar em frente dos outros. No entanto, a situação chocou-me bastante. A minha posição é, normalmente, de aceitação de comportamentos que surjam naturalmente nas crianças, não vendo, por isso, motivos para as outras crianças terem de se cobrir. Mas já o forçar a criança a fazer algo que não lhe surgia naturalmente, me parecia errado. Pareceu-me que, naquela criança, o dirigente estava a forçar as coisas um pouco demais. Nessa noite fiz-lho notar, esperando que os outros elementos dirigentes me apoiassem (eu era o único português). Contudo, todos se sorriram e me explicaram que, na zona de onde vinham, não era costume, entre jovens, esconderem-se mutuamente os corpos.

Contrapus-lhes que, com aquele junior, isso não parecia ser o caso e que o dirigente tinha forçado um pouco as coisas. Ele, no entanto, deu-me de imediato um contra-exemplo que me fez pensar um pouco: se eu encontrasse, aqui em Portugal, no seio da nossa cultura, o mesmo junior a despir-se, com naturalidade, em frente a elementos femininos, não lhe tentaria explicar que poderia estar a ofender os princípios de conduta da mini-sociedade escutista em que estava inserido? Aquele dirigente limitara-se a fazer o mesmo no seio da sua própria realidade cultural. Eu, obviamente, cometera o erro de julgar de acordo com os *nossos* padrões e fui um pouco injusto.

Penso que haverá pessoas, nomeadamente dirigentes, que continuarão a achar que eu tinha razão em protestar contra a conduta

daquele dirigente, mas convido essas pessoas a pensar como é que se sentiriam se alguém, vindo de fora, lhes viesse explicar que os seus padrões sociais - não andar nu pelas ruas, por exemplo - estavam errados e não deveriam tentar incuti-los nas crianças, e muito menos forçá-las a adoptá-los. É óbvio que temos que incutir nas nossas crianças os padrões sociais sob que se rege a nossa sociedade, sob pena de essas crianças virem a ser rejeitadas pelo seu meio. Devemos, contudo, incutir-lhes simultaneamente a abertura de espírito para aceitarem as maneiras de ser de outros, evitando formar juízos precipitados, baseados nos seus próprios valores.

Isso constituiria um ensinamento espantoso para os nossos jovens e penso que o escutismo teria muito a ganhar com este tipo de experiências. Os contactos com o exterior são fonte de ideias novas, além de proporcionarem uma maior abertura de espírito de jovens e dirigentes - coisas de que o nosso escutismo anda tão carenciado internamente.

Infelizmente, uma ferramenta indispensável para este tipo de experiências é o diálogo - um bem que parece escassear no nosso movimento. Conforme o último exemplo mostrou, este tipo de mal-entendidos pode ser ultrapassado por uma simples conversa, com aprendizagem mútua para ambas as partes. Se me tivesse limitado a ficar ofendido com a conduta daquele grupo, a incompreensão só teria aumentado e ninguém teria ganho nada com isso - eu guardaria uma imagem injusta daqueles jovens e haveria menos um laço escutista entre nós. Ao expor o meu caso, contribuímos para cimentar uma amizade que

---

**D**e imediato se criou um certo mau ambiente em torno do grupo, por se achar que a sua conduta moral era indigna de escuteiros.



ainda hoje subsiste.

Vim a saber mais tarde que um outro grupo do mesmo país teve problemas num campo português ao decidir ir tomar banho em trajes menores (ou nem isso), cuja transparência, segundo alguns dirigentes portugueses, era um tanto indecorosa. De imediato se criou um certo mau ambiente em torno do grupo, por se achar que a sua conduta moral era indigna de escuteiros. Essa posição terá magoado esses elementos, pois ninguém tivera sequer a decência de lhes ir explicar que a sua conduta poderia ferir susceptibilidades locais. É evidente que nós não sentimos qualquer necessidade de lhes ir explicar isso. Parece-nos que é óbvio para qualquer pessoa que aquela conduta é ofensiva. Temos, contudo, que nos lembrar que para eles isso não é assim tão óbvio, e a nossa maneira de ser também lhes pode parecer esquisita a eles. E dizermos que eles estão no nosso país e devem fazer como nós, não é desculpa nenhuma, pois se não pretendemos aprender nada de novo com eles, mais vale não os convidarmos. E aprender algo não significa apenas experimentar algumas comidas exóticas que eles possam exhibir, género atracção de feira. Aprender algo é saber como vivem e sentem irmãos escutas como nós, que se exprimem numa língua diferente.

Já vou bem adiantado no artigo e lembrome agora que o meu "chefe de redacção" me encomendou antes um artigo sob a atitude do animador, não foi nada disto que eu andei a escrever. A sua reacção vai ser qualquer coisa no género de : "O Malaquias voltou a andar nos

copos até às tantas e já não sabe sobre que é que tem de escrever. Depois, põe-se a inventar... Volta já para o olho da rua amanhã". Esta reacção, apesar de lógica e esperada, entra em flagrante contradição com o facto de os estimados leitores me estarem a ler neste momento. É qualquer coisa do género do "Penso, logo existo!" Aqui será mais "Estamos a ler este artigo, logo o gajo ainda não foi despedido". De alguma maneira, a minha existência jornalística é comprovada pelo facto de estar a penetrar no pensamento dos estimados leitores. E a que é que devo essa Graça? Não será, com certeza à amabilidade do meu chefe de reacção, que esse quando lhe doi o figado é implacável para com os subordinados. Devo-a simplesmente ao facto de, à custa de minha ronha redactorial, conseguir dar a volta por cima e convencer o patrão de que este artigo tem *tudo* a ver com a atitude do animador / chefe / dirigente / o-que-lhe-queiram-chamar. Como? Vão ver a seguir. Aproveitem agora para ir tomar café, enquanto eu penso como é que me vou desenrascar. O artigo segue dentro de momentos...

Já voltaram? Prossigamos então. De tudo o que vimos até agora, concluímos que a atitude geral dos nossos dirigentes é demasiado fechada em relação a ideias novas vindas do exterior. E será que esse facto só é posto em evidência no contacto com grupos estrangeiros? Creio que não. Aí é apenas enfatizado, mas as suas consequências são sentidas por nós, no dia-a-dia.

Senão, como é que se compreende que as relações entre escuteiros de cidade, escuteiros de arredores, escuteiros do campo ou escuteiros de uma outra realidade cultural distinta tenham chegado a um ponto de tamanha incompreensão em muitas das nossas regiões. Também aqui, na minha opinião, estamos perante um problema de choque cultural. Está certo que se tratam de escuteiros de um mesmo país e supostamente de uma mesma cultura. Mas às vezes as diferenças culturais são mais marcados entre dois bairros de uma mesma cidade do que entre cidades de dois países vizinhos.

---

**I**nfelizmente, uma ferramenta indispensável para este tipo de experiências é o diálogo - um bem que parece escassear no nosso movimento



## CULTURAS DIFERENTES DIFERENTES ESCUTISMOS

Senão, como é que se compreende que as relações entre escuteiros de cidade, escuteiros de arredores, escuteiros do campo ou escuteiros de uma outra realidade cultural distinta tenham chegado a um ponto de tamanha incompreensão em muitas das nossas regiões. Também aqui, na minha opinião, estamos perante um problema de choque cultural. Está certo que se tratam de escuteiros de um mesmo país e supostamente de uma mesma cultura. Mas às vezes as diferenças culturais são mais marcadas entre dois bairros de uma mesma cidade do que entre cidades de dois países vizinhos.

Com efeito, tenho vindo a observar que no CNE (já para não falar do escutismo português como um todo), não há um escutismo, mas dois, três, quatro ou mais escutismos diferentes. É verdade que na diversidade é que está a riqueza, mas isso só é válido quando essa diversidade caminha toda para o mesmo lado, o que não é frequentemente o caso. Assim, é caricato verificar que existem em Portugal agrupamentos que já falam na integração total de ambos os sexos nas mesmas equipas, enquanto há outros que pura e simplesmente continuam a defender um CNE só para rapazes e uma AGP para as raparigas.

Enquanto certos elementos defendem o papel do CNE como organização de fins pacifistas, outros querem transformá-lo numa instituição para-militar de rectaguarda do exército. Enquanto alguns dirigentes passam mágoas para manter os caminheiros interessados pelo movimento, outros rejeitam-nos nas suas unidades como elementos demasiado desestabilizadores.

Cada vez mais, estas diversas tendências andam de costas voltadas para as outras. As poucas trocas de ideias que existem são feitas pela negativa, com dirigentes acusando-se mutuamente de irresponsabilidade, permissividade e devassidão ou, pelo contrário, de militarismo, autoritarismo, puritanismo e outros *ismos*.

E nisto tudo, qual a posição das Juntas Regionais e Central? A meu ver, tem sido a posição da cegonha com a cabeça debaixo da terra. Em lugar de desempenharem um papel de núcleos aglutinadores e de fóruns de discussão de ideias entre dirigentes, limitam-se a tomar o papel de árbitros em disputas vãs, quando não chegam mesmo a tomar partido por uma das partes. Opta-se normalmente por uma posição de ambiguidade ou de neutralidade, deixando as grandes questões actuais por discutir, com medo, talvez, de ferir susceptibilidades.

Para quando, por exemplo, um debate sobre a posição do escutismo em relação ao serviço militar obrigatório, acerca do qual praticamente todas as organizações de juventude portuguesas já se pronunciaram? Porque não se discute abertamente a questão da sexualidade na adolescência, será porque ela não existe? E a própria terminologia utilizada no escutismo - será que todos estarão de acordo em continuar a usar termos como "comissão de serviço", "ordem de serviço", "unidades", etc., claramente trazidos da terminologia militar? E se fôssemos falar de objectivos? Quer-me parecer que diferentes dirigentes terão visões diametralmente opostas sobre quais deverão ser os verdadeiros objectivos do escutismo na realidade actual. Já vão



longe as realidades mundiais e nacionais que conheceram B.P. e Monsenhor Adelino Gonçalves, e o escutismo dos nossos dias lá continua... por debater. Parece-me que um passo na direcção certa terá sido o congresso CNE 2000 - de certa forma o padrinho deste jornal. Mas não parecem estar a surgir mais espaços semelhantes.

A atitude do animador continua a ser frequentemente de isolamento. Cada um trata dos seus rapazes da forma como entende, e ninguém tem nada com isso. E sendo sabido que muitos desses dirigentes são - há que dizê-lo - uns frustrados da vida, para quem o escutismo é uma espécie de capoeira em que podem ser galos por breves instantes, é caso para perguntar a quem é que muitas vezes estarão entregues os nossos rapazes? Quanto aos bons dirigentes, esses já se terão muitas vezes ido embora, em busca de outros desafios à altura do seu valor, que o escutismo não lhes soube proporcionar. Esses seriam os dirigentes que iriam adoptar métodos adequados à realidade dos nossos dias, numa grande abertura de ideias ao mundo exterior. Mas, para isso teriam de tomar atitudes que chocariam os velhos dinossauros já assentes no movimento. Mais uma vez assistimos a um típico choque cultural, desta vez entre gerações com realidades culturais muito distintas. Para trabalhar, esses dirigentes teriam que pôr em causa atitudes já gastas que desempenharam um importante papel no passado, mas já não se adequam aos dias de hoje.

As forças mais conservadoras defendem-se, então, recusando o debate e aguardando que os dirigentes com novas atitudes desistam pela frustração de um combate não travado. Tocam-lhe no seu ponto fraco, que é não poderem subsistir numa associação na qual não há debate de ideias, na qual não se tomam posições oficiais e se fica pelas situações ambíguas, na qual não se incentivam os encontros informais entre jovens de realidades socio-culturais tão diversas como o campo, a escola, a indústria, a universidade ou a vida militar.

Chegou, pois a altura de avançar com o

encontro de culturas interno. É preciso mudar a atitude do animador em relação ao exterior para, em conjunto, encontrarmos uma atitude coerente do movimento quanto ao futuro dos nossos jovens. Nesse encontro de culturas, devemos ser duros e defender as nossas crenças e convicções, mas não podemos nunca julgar as dos outros com base nas nossas. Temos que saber ganhar e saber perder, evitando, sempre que possível, efectuar juízos de valor. Agora, o que não podemos, absolutamente, é continuar a ter as atitudes do dirigente de aldeia por um lado e as atitudes do dirigente da cidade por outro. Os dois juntos terão que achar, através do debate em sede própria, uma atitude de compromisso que dê do nosso movimento uma imagem de coerência. Essa coerência não pode ser quebrada nem por dissimilaridades geográficas nem pelo receio de adoptar posições fortes que criem divisões internas. Se estamos à espera de estar todos de acordo para tomar uma posição clara em relação às questões da nossa sociedade, nunca mais deixaremos de ser um grupo de rapazinhos simpáticos que nunca fazem ondas. Se, no entanto, vincularmos a associação às posições de um debate alargado, honesto e sempreconceitos, fortaleceremos a nossa imagem exterior e o escutismo só terá a ganhar.

---

**S**e estamos à espera de estar todos de acordo para tomar uma posição clara em relação às questões da nossa sociedade, nunca mais deixaremos de ser um grupo de rapazinhos simpáticos que nunca fazem ondas.

---



## VOLTÁMOS ÀS CATACUMBAS?

Será que nós, os cristãos, voltámos às catacumbas? Vamos lá a ver.

“Naquele tempo”, estávamos nós nos “bunkers” do século zero, e de lá só saímos para ir contar aos leões como acreditávamos em Alguém muito mais vale-a-pena que o Imperador. E andávamos felizes, parece.

Tão felizes, que o Imperador resolveu experimentar. E gostou. Aliás, gostou tanto, que a crença maldita deu em verdade oficial. Parece que tinham acabado as catacumbas, e os problemas.

Afinal, começaram nessa altura. Porque a partir daí, na mó de cima, tivémos a Inquisição, e os Papas-Bórgias, e os papa-hóstias. E perdemos aquele ar feliz. Perdemos o calor do sol, e o doce sabor

da liberdade, e voltámos à escuridão das catacumbas. Desta vez, de livre vontade.

E hoje, temos dúvidas. Ou nem isso. Esbugalhamos os olhos com as cotações da bolsa, tapamos os ouvidos à chacota anti-clerical. Ir à missa está “out”, subir na vida está “in”. Subimos para as catacumbas, parece.

Pessimista? Ainda não acabei. É que eu acredito numa Igreja pobre, de dinheiro e de poder. Porque o nosso Reino não é deste mundo. E quando não formos obrigados a acreditar, eu acredito que vamos acreditar cada vez mais.

E o Livrinho há-de ser sempre uma, a resposta. E acredito que vamos voltar a ter aquele arzinho feliz. E olhando para nós, o Imperador talvez queira experimentar. E talvez venha outra vez a gostar. Só espero que não nos faça outra vez verdade oficial... outra vez não!

P.S. É um prazer ser convidado para ter uma coluna no MENTE! Foi com gente desta, que nasceu para ver o outro lado da vida nas noitadas de cerveja, que eu fui moldando as minhas “fzadas”. Gente que quase ganha eleições, mas felizmente nunca chega a ser poder, porque no fundo, no fundo, não quer poder trocar o tal arzinho feliz pelo ar responsável tipo corpos-gerentes...





**E**xiste uma "Lei do Escuta". Como todas as leis ela diz **como devem ser as coisas** e esquece um tanto o **como as coisas são de facto**. É a nós, escuteiros, que cabe fazer esta ponte entre o dever e o ser, pondo este último, qual real expressão de um belo ideal, de acordo com o primeiro, essa série de lindas normas que Baden Powell engendrou.

Devemos, então, ser como devemos. Devemos ser como a lei manda:

### **Devemos ser legais!**

Ora, o ser legal poderia, nesta fase do sapientíssimo acordo ortográfico luso-brasileiro, e embora sem alterações na grafia da palavra, passar a querer dizer, como no país da amazônica calamidade, "ser bacanas", "ser o máximo", ou, mais à moda cá do torrão, "ser porreirinhos da silva".

São estes acordos e desacordos, estas nuances de linguagem que, mais do que substituir ^ por ´ ou ct port t ou " por nada, deveriam ser cuidadas.

É que, mais do que com palavras, lidamos com sentidos. E quando o sentido da lei (já que é dela que tratamos) pode ser dois ou três, deixa de ter sentido haver lei.

Ora, deixem-se pois de andar a interpretar as normas de acordo com o jeito que lhes dá e sempre por forma a justificarem os actos idiotas, ordinários e, evidentemente, escutisticamente ilegais que vão praticando.

Acabem com isso!

Vocês não estão a ser legais na única, verdadeira e escutista acepção do termo, que é aceitar a lei com todas as implicações que ela vos traz e não vale a pena, ó pessoal da minha terra, andarem em patrulha a apanhar pardalitos com costelos, a depenarem-nos, cozinharemos, comerem-nos com pão e molho e, depois, dizerem que "estão a ser amigos dos animais", os quais para vocês são cinco e são vocês mesmos, os bardinas da patrulha Raposa.

É que, se para alguns a lei dá jeito, os outros ajeitam a lei até que dê.

Este meu artigo vai pôr fim a tão ilegal actuação: Vou pôr a lei em palavras simples explaná-la aos vossos olhos, para que mais ninguém volte a prevariar.

E começo pelo 1º artigo - "A honra do escuta inspira confiança".

Para ser bem entendido, este tem que ser analisado por partes.

Ele baseia-se numa premissa implícita, enorme, determinar.te e, obviamente, verdadeira:

### **O escuta tem honra!**

O que é o mesmo que dizer que tem

# manda e

## ZÉ ALFAIATE



princípios, age de acordo com eles, tem palavra e cumpre-a, tem uma só cara (mais ou menos apresentável) e é a ela, que enfia em toda a discussão e em toda a situação, por muito que lhe pareça mais favorável e lucrativo usar a cara política " a cada um se mostra o trombil que o ponha melhor connosco".

Esta primeira premissa, para servir como tal, tem de ser cumprida.

E quem duvida que seja?

Neste mundo de devassidão, de dualidade, de golpes baixos e em que a palavra para ter 50% de credibilidade, precisa ser lavrada em papel timbrado, assinado e branco-carimbado, é com gosto de esperança na humanidade que se vê, nas séries americanas, o herói, quando posto em dúvida, levantar a mãozinha com que andou na última hora a distribuir a inevitável solha, e proclamar:

**"Palavra de escuteiro!"**

E - é aí que está o cerne da questão - os outros companheiros de rebaldaria acreditam-no!

Ora bem! Eis que descobrimos o que é que está mal com o 1º artigo da lei.

Eureka!

É que, entre nós (escuteiros tão honrados com os melhores, se não muito mais, como há quem defenda que é) se uma boa-alma, na sua honrada inocência, vai levantar a destra e proferir:





### “Palavra de escuteiro!”

... está tramado... desacreditado...

O outro mamífero olha-o de lado, sorri trocisticamente, e não diz nada que se possa escrever aqui, por respeito com a decência, mas que traduzimos para linguagem passável como:

“Escuteirinhos? Pois sim - Uma mafia como outra qualquer. Quem os não conhecer que os compre!”

É isto que nos deita abaixo o artiguinho da lei.

Porque, como já se viu, o 1º artigo de lei do escuta (“a honra do escuta inspira confiança”) não é para cumprir pelo escuteiro (que tem a honra e pronto, é elemento neutro na operação) mas pelos restantes.

### É um artigo para ser cumprido pelos não-escuteiros!

E, como se depreende pelo exemplo que demos, o que lixa a coisa é que esses sujeitos são, manifestamente ilegais (nos sentidos todos que demos atrás).

Como legalizar a situação?

Como impôr ao cumprimento público este preceito da nossa lei? Como impedir que o dono do pomar corra a buscar a caçadeira quando vê aproximar-se um magote de lenços? Como evitar que o pároco, quando, na homilia, prescreve as atitudes que a paróquia deve assumir, proclame: “ouçam todos... e os escuteiros, muito principalmente, espetem as orelhas...”

Como?

Sinto, efectivamente, a raiva de quem tem uma pergunta (um COMO?) enorme e não sente emergir, do mar das atitudes negativas da sociedade, uma resposta (um ASSIM!) de igual quilate.

Poder-se-iam tentar medidas retaliatórias: passar no pomar, à sucapa, na noite seguinte, e papartudo para ensinar o campónio a não duvidar da gente; ou de propaganda: publicar folhetos, dirigidos ao coração de cada tipo de pessoa, como, por exemplo, aos sportinguistas:

“Quem duvida da honra do escuta é do benfica!” E onde se vê um benfiquista alarve a troçar de dois leõezinhos de lenço verde e branco.

E se isto não resultar?

Resta-nos, se calhar, esquecer a lei (pois não é desnecessária uma lei que não se pode fazer cumprir?) pelo menos, neste 1º artigo.

Ou, dirão os mais políticos, porque não mudar o texto do artigo?

Não gostamos muito. Achamos que a lei se impõe ao povo e não o povo que se impõe a lei (ou passamos para a bandalheira).

E, de qualquer forma, não sei se seria bom termos um 1º artigo como, por exemplo, o dos escuteiros católicos italianos.

“O escuta considera honra sua inspirar confiança”.

Já me viram coisa mais tosca?

Agora, que temos um artiguinho que presume que temos honra e que, mesmo com dificuldades, podemos tentar impôr ao cumprimento dos não-escuteiros, não me parece boa troca encontrar um qutro em que são esses não-escuteiros a dizer se temos honra ou não.

Então se houver um Capone qualquer que me diga: “Não confio em ti” (o que é o mesmo que dizer-me que não posso ter a honra de inspirar-lhe confiança) fico sem a minha bela honrinha?

Isso é que era fresco!

“A honra do escuta inspira confiança” e pronto!

Está declarada ilegal toda a ralé que torce o nariz à bela honrinha cá do povo!

Com um pouco de jeito dizemos que são comunistas, anti-democráticos e, por via das dúvidas, terroristas. E ainda os passamos à ilegalidade...

Vão ainda a tempo.

Sejam legais e digam a sorrir, comigo:

“A honra (a bela honrinha) do escuta, inspira-nos uma ilimitada confiança”.

É isso. A coisa, com o jeito de umas bordoadas, vai!



# entrevistada

MANUEL TOMÁS

## Nota Biográfica:

Escuteiro desde os 10 anos  
Júnior/Sénior/Caminheiro  
Guia de Patrulha  
Chefe de Grupo Júnior  
Chefe de Grupo Sénior  
Chefe de Clã  
Secretário de Agrupamento  
Chefe de Agrupamento  
Secretário Nacional Pedagógico Adjunto  
Secretário Nacional Pedagógico  
CDF - Curso de Directores de Formação  
Director de Cursos Regionais e Nacionais  
Participou em várias actividades Regionais e Nacionais

**MENTE - Manuel, tu não fazias parte, desde o início, desta Junta Central. Vieste substituir o Secretário Nacional Pedagógico eleito. Porque é que aceitaste o lugar?**

MANUEL TOMÁS - Não é totalmente certo que eu tenha vindo para esta equipa para substituir o então SNP, pois entrei na equipa na qualidade de adjunto do SNP, que residia no Porto, para o ajudar na concretização da suas acções.

O que veio a acontecer mais tarde foi que as posições se inverteram passando eu a titular e o Teodomiro a meu adjunto por sua solicitação e por razões de impedimento pessoal.

Quer a minha entrada na equipa quer a aceitação da troca se ficou a dever à minha amizade por todos os elementos que compõem a equipa e por acreditar no seu programa de acção.

**M. - Aceitaste o programa que estava previamente delineado por outro ou**



**limitas-te a ser um executor dos objectivos e ideias que ele contém?**

M.T. - Depende do que se entender por orientação do programa previamente traçado.

Se com isto quiserem dizer a aderência a um programa apresentado à Associação pela Junta Central, aquando da sua eleição, então podem dizer que aderi. Depois como é fácil de entender deixo-lhe o meu cunho pessoal e foi sendo adaptado consoante o percurso que ia fazendo, no entanto os objectivos são os mesmos: a melhoria da qualidade do Escutismo que todos nós pretendemos no CNE.

**M. - É nossa opinião que o CNE vem ultrapassando os problemas relacionados com os aspectos organizativos e materiais (veja-se a aquisição da Sede Nacional) mas deixou, de há algum tempo para cá de produzir-se material de acompanhamento pedagógico (são os livros que não existem, os cursos que não se fazem, a Lis que custa a encontrar forma). Que razões encontras para o caso?**

M.T. - Têm alguma razão na questão que apresentam, mas merece fazer uma breve análise à mesma, ou seja:

Era de todo necessário resolver a questão da Sede Nacional, cujas instalações da



Rua da Fé já não comportavam as necessidades que existiam de espaços de trabalho.

Resolvida esta parte existe a absoluta necessidade de nos dedicarmos aos outros problemas e que se prendem com a aquisição de meios humanos-técnicos que nos ajudem a desenvolver todo o trabalho pedagógico de que o CNE carece.

Mas para isso são necessárias várias coisas, tais como: meios financeiros e pessoas disponíveis e comprometidas com o Movimento – talvez porque não profissionais ou semi-profissionais, para que se não brinque às pedagogias?

Não tenhamos ilusões que sem pessoas preparadas é possível produzir material pedagógico, que se programem cursos, que se editem manuais, etc., pois que para isto é imprescindível algo mais do que “boas vontades”.

E, já agora, deixem-me fazer um desabafo. Com raras excepções, normalmente quando solicitei alguns trabalhos às pessoas que me pareciam mais competentes para os realizarem fui confrontado com as seguintes respostas:

– Não posso, pois neste momento estou muito ocupado.

– Não tenho tempo disponível.

– Não me sinto com capacidade.

– Não me identifico com este ou aquele.

– Está bem eu faço mas não me dê prazos.

Ou então ainda pior, aceitam mas não executam.

É certo que ainda – e graças a Deus – que ainda temos as raras excepções, mas são poucas para o imenso que há para fazer.

**M. - Temos para nós que, neste aspecto de produção pedagógica, o CNE viveu já melhores tempos nomeadamente com o extraordinário impulso que, nesses sectores, lhe dava o João Paulo Feijoo. Não deveria fazer-se uma análise ao que se passa e chegar-se à conclusão que, nesta área, se necessita de uma equipa profissional no CNE?**

M.T. - Nunca é demais realçar o estu-

pendo trabalho realizado pelo João Paulo Feijoo, que deu de facto um grande impulso à formação no CNE, no entanto não pensem que não estamos atentos ao que se passa e que não sabemos o que devemos fazer. Se não vejamos, a análise à formação está a fazer-se, já realizámos o I Encontro Nacional de Formadores, está marcado o II e de certo não ficaremos por aqui. Quando à questão de profissionais creio que atrás já respondi a essa questão.

**M. - A Junta Central tinha programado a edição das propostas nos seis meses seguintes à sua eleição. Hoje, em fim de mandato, uma delas não está editada e as outras sofrem ainda um debate incipiente cujos resultados não parecem palpáveis. Se outra Junta for eleita, não poderemos ver-nos na contingência de ficar, de novo, sem propostas face às ideais diferentes dos novos dirigentes? E não teremos assim perdido mais quatro anos?**

M.T. - Não querendo fazer polémica sobre a edição das propostas pedagógicas, não posso deixar de dizer que de certo há outras pessoas mais responsáveis por esta situação que a Junta Central.

Não é no entanto verdade que a proposta da IV Secção esteja por editar, pois neste momento está pronta.

O que aconteceu em relação às propostas foi que eu resolvi alterar o que estava programado sobre as mesmas e pensei que era mais importante ouvir as Regiões – através dos seus Secretários Pedagógicos – do que ter uma equipa de pessoas a colaborar e a elaborar as mesmas, pois cada vez mais aposto em ouvir as bases. Foi assim que nasceram as I Jornadas Pedagógicas para as quais foram convidados todos os Secretários Regionais Pedagógicos e algumas pessoas que eu sei comprometidas e empenhadas nestes problemas tal como vós.

Das I Jornadas nasceram as II e as III estas últimas que se irão realizar de 18 a 20 de Maio com resultados estupendos. Pois finalmente vejo os dirigentes empen-



hados, Regiões a trabalhar a sério e a darem-se, tendo como consequência desta acção as propostas estarem prontas.

E o resultado de tudo isto foi que as novas Propostas a ser divulgadas em breve, são o produto não de “alguns iluminados” no bom sentido, mas de uma experimentação já realizada e do conhecimento de quem trabalha junto às bases.

Quanto a esta Junta Central terminar o seu mandato e as propostas não estarem prontas, pelo atrás exposto tal não acontecerá, pois no próximo Conselho Nacional de certo as mesmas serão aprovadas.

Quanto a outros virem com ideias novas e “deitarem fora” o trabalho realizado por outros só continuará a acontecer se deixarmos, deve estar na altura de dizermos basta! Pois quem sofre sempre com estas politiquices são os jovens do nosso Movimento.

**M. - Porque é que a proposta da IV ainda não foi publicada?**

M.T. - A proposta da IV Secção está pronta e como já disse não quero fazer polémica sobre isto. Os responsáveis desta situação de certo já entenderam o seu erro.

O que me interessa neste momento é que ela está pronta e que, finalmente, os Caminheiros têm algo para eles.

**M. - Um dirigente dizia-nos, há algum tempo, que o CNE estava a transformar-se numa associação “nazi”, onde os dirigentes impõem ordem e aparato, (fardas, desfiles e comportamento irrepreensível) em vez de jogarem o “jogo educativo escutista” com os elementos. Como Secretário Nacional Pedagógico, qual é a tua visão do assunto e das atitudes que devem ser tomadas para que este tipo de acção não alastre?**

M.T. - Não comungo inteiramente do ponto de vista desse dirigente e gostaria de dizer se ele assim pensa é grave, pois

comparar uma organização “nazi” com a nossa Associação é de toda uma visão distorcida e é ele que começa por não “jogar”.

É certo que nem tudo vai bem, que se pratica nalguns sítios muito mau escutismo. Mas a culpa não é só dos nossos jovens, a culpa é dos dirigentes que temos; estará se calhar na altura de se definir o tipo de dirigente que o CNE necessita. Alguns por incapacidade de jogarem o jogo educativo, impõem ideias antiquadas, esquecendo-se que hoje compete ao jovem também ser responsável pela sua formação.

A formação terá que ser mais activa, os cursos têm que ser reformulados, os conteúdos revistos, alguns cursos terão que ser dirigidos ao comportamento, ao saber ser, ao saber estar e cada vez menos técnicos.

Estou ciente que passa pela Formação o acabar com as coisas menos boas que por aí se fazem, mas para isso é condição dotar as Regiões de um quadro de formadores amplo e capaz.

É igualmente condição imprescindível estar junto das bases, ouvi-las e só depois actuar e pela minha parte tudo farei para que isso aconteça.

Será também necessário corajem para acabar com alguma impunidade que existe no CNE. Se um jovem se excede é castigado; e o dirigente?

**M. - A pergunta que vocês não fizeram mas a que gostaria de responder?**

M.T. - A pergunta que gostaria que me tivessem feito é se acredito nos jovens? Acredito cada vez mais que os jovens é que serão o futuro da nossa associação. Há que confiar neles, dar-lhes o nosso exemplo de seriedade, de honestidade, de irmãos mais velhos.

É com muita alegria que verifico que cada vez mais eles estão preocupados com o futuro do CNE e que se empenham nos trabalhos da área pedagógica.

Os jovens são generosos e são capazes quando neles acreditamos. □





MALHAS

# Scottwool

A TRADIÇÃO DA QUALIDADE

PEDIDOS A AGR. 235, FIGUEIRA DA FOZ

TEL: 033 - 29341



## VIª Jornada Mundial da Juventude

participativa

A. CARDOSO (\*)

(\*) - Tradução e adaptação

1991, será o ano da VIª Jornada Mundial da Juventude [J.M.J.]. Certamente muitos ainda se recordarão da Vª Jornada, que culminou com o encontro dos jovens com o Papa em Santiago de Compostela, onde se reuniram milhares de jovens de todo o mundo, entre os quais algumas centenas de escuteiros portugueses. Seria bom que tal se repetisse

na VIª Jornada, como sinal da participação do C.N.E. a nível internacional (deixemos o umbigo em paz), do seu empenhamento na vida da Igreja jovem e da capacidade dos mais velhos. Decerto que será difícil ir à Polónia, mas não se esqueçam de que em escuteiros "impossível" não leva "im".

Apresentamos abaixo o texto pontifical respeitante à preparação da VIª JMJ. Esperamos que seja útil para a Pedagogia da Fé no C.N.E. neste novo ano. E quem sabe se não nos veremos em Czestochowa?

### PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS VIª JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE - 1991 NOTAS PARA A SUA PREPARAÇÃO

#### I - Objectivo global das J.M.J.

Evocando a celebração das J.M.J. na Igreja, o Papa João Paulo II declarou: "...todos os jovens devem sentir-se seguidos pela Igreja: porque toda a Igreja, em união com o sucessor de Pedro, se sente sempre comprometida, ao nível mundial, a favor da juventude, nas suas angústias e solicitações, nas suas aspirações e nas suas esperanças, para corresponder aos seus objectivos, comunicando que a certeza é Cristo, a verdade é Cristo, o amor é Cristo, graças a uma formação adequada, que é a forma necessária e renovada de envageliização..." (20 Dez. 1985).

#### II - Tema da VIª J.M.J. - 1991

O tema da próxima J.M.J. será a afirmação de S. Paulo "Vós recebestes um espírito de adopção" (Rom. 8,15).

Neste momento histórico, tão rico de acontecimentos de envergadura mundial, o Papa convida os jovens a redescobrir a riqueza do dom da sua filiação divina, a fim de que o Mundo possa tornar-se uma grande família de irmãos e irmãs em Cristo.

#### III - Principais objectivos pastorais da VIª J.M.S.

1. Aprofundar o conhecimento do mistério da vocação cristã recebida pelo **Batismo = dom da filiação divina** - a mais alta perspectiva para o ser humano e ao mesmo tempo um desafio para ele.

2. Experiência da **paternidade de Deus** na vida concreta.

3. O Espírito Santo como "verdadeiro autor da nossa filiação divina": tornarmo-nos sempre mais sensíveis à **acção do Espírito Santo** na nossa própria vida e na história do Mundo (importância do Crisma).

4. Acolher com gratidão e responsabilidade a **herança dos filhos de Deus**: a Santidade, a Fraternidade Universal e a Liberdade.

5. Descobrir o **papel de Maria** como Mãe, Guia e Modelo para todos os filhos de Deus.

#### IV - Como será celebrada a VIª J.M.J. 1991

A próxima JMJ será novamente celebrada em 2 momentos diferentes, mas estreitamente ligados:

a) No que respeita à celebração ao nível das Dioceses, a data fixada na Igreja Universal é o Domingo de Ramos - as formas de celebração serão as apropriadas a cada Diocese.

b) A VIª JMJ culminará - ao nível da Igreja Universal - com o Encontro Mundial



de jovens com o Papa, no Santuário Mariano de Czestochowa, na Polónia, nos dias 14 e 15 de Agosto de 1991.

## **V - Orientações para a preparação espiritual**

Os frutos da JMJ dependem, em grande parte, do esforço dispendido na sua preparação espiritual ao nível da pastoral dos jovens, nas dioceses e nas paróquias como nos movimentos e associações eclesiais de jovens.

A experiência demonstrou-nos quanto o processo de preparação (se ele é levado a cabo por uma boa organização) tem a capacidade de aumentar a comunhão eclesial e o espírito de colaboração entre os diversos movimentos e associações de jovens no interior da Igreja.

Na sua "Mensagem aos Jovens de 1991", a 15 de Agosto passado, o Papa quis marcar oficialmente o início da preparação da Jornada, da qual os jovens devem sentir-se os protagonistas activos e responsáveis (a este propósito consultar o artigo do cardeal Pironio: "De novo a caminho: desta vez para Czestochowa").

Vamos de seguida dar algumas sugestões para essa preparação:

1. É vivamente recomendado que se faça uma difusão o mais vasta possível da Mensagem do Papa, publicada expressamente para a VIª J.M.J., afim de se favorecer a meditação pessoal e em grupo.

2. É importante inserir sistematicamente o tema da Jornada no programa normal das catequeses e das homílias dirigidas aos jovens, bem como no programa específico dos movimentos e associações de jovens.

3. Será útil organizar peregrinações de jovens aos Santuários Marianos, ao nível diocesano ou mesmo nacional, baseando-as no tema da J.M.J. 91.

4. Será bom fazer um estudo aprofundado dos textos seguintes:

- "Gaudium et Spes", Cap. 1; "Lumen Gentium", Cap 5

- Encíclicas: "Diver in Misericórdia" e "Dominum et vivificantem" de João Paulo II

## **VI - Encontro Mundial em Czestochowa - Agosto de 1991**

1. O Encontro Mundial de jovens com o Papa em Czestochowa em 1991, terá as características de uma peregrinação. Tal será uma grande experiência espiritual, a viver em condições muito simples. O Santuário de Czestochowa é com efeito um dos santuários da Igreja mais visitados pelos peregrinos, que aí chegam em número de mais de 5 milhões por ano; no dia 15 de Agosto, por exemplo, todos os anos aí se reúnem perto de 150 000, vindos a pé, na sua maioria jovens.

É preciso notar ainda que esta celebração se reveste de uma outra dimensão: o encontro de Czestochowa - como disse o papa - apresenta-se hoje como um encontro importante entre os jovens do Leste e do Ocidente e como uma oportunidade de troca de experiências de fé veiculada de parte a parte.

2. Estrutura geral do Encontro com o Papa em Czestochowa

a) 14 Ago. 1991 - noite: Vigília de oração com o Papa

b) 15 Ago. 1991 - manhã: Santa Missa da Assunção de N. Srª

3. Antes da chegada do papa terá lugar um tríduo de preparação espiritual (11 a 13 Ago. 1991), ao longo do qual se alternarão orações e catequeses em várias línguas (checo, francês, inglês, italiano, lituano, polaco, russo, eslovaco, espanhol, alemão, ucraniano; haverá a possibilidade de o fazer noutras línguas de acordo com as inscrições efectivas dos peregrinos), que serão confiados a pastores e a leigos próximos dos jovens, na via da Igreja contemporânea.

As tardes serão consagradas a diferentes manifestações religiosas e culturais (espectáculos, exposições, mesas redondas). À noite serão organizadas vigílias de oração em várias igrejas.

4. A fim de facilitar a solução dos problemas complexos de organização da peregrinação a Czestochowa, em particular os que concernem ao alojamento, pedimos a todos os grupos que nos mandem a sua inscrição o mais breve possível, para o seguinte endereço:

Conselho Pontifical para os Leigos - Secção Jovens 00120 Cidade do Vaticano.

5. Para aqueles que desejam participar na peregrinação a Czestochowa a pé, seguindo um dos itinerários que partem de diferentes cidades da Polónia (as distâncias a percorrer variam de 100 a 600 kms), devem pôr-se directamente em contacto com a Comissão de Organização de Czestochowa (no endereço abaixo indicado), para obter as informações necessárias. A inscrição será feita da maneira já descrita.

6. Quanto a mais informações dizendo respeito quer à celebração da VIª J.M.J. 91, quer ao Encontro Mundial de Czestochowa, podem ser pedidas para:

a) Conselho Pontifical para os Leigos - Secção Jovens 00120 Cidade do Vaticano

Tel. (06) 698 7141 / 698 7296

Fax. (06) 698 7214

Telex. CONSILAIC VATICANO

b) Comissão de Organização do Encontro Mundial 1991

Al. NMP 54

42-200 Czestochowa - Polónia

Tel. (0331) 496 86

Vaticano, 10 de Setembro de 1990



# CLEMENTE



IDEIA:

Franquin

DES.:

Carlos

# LOBITO

DESDE QUE O CLEMENTE FOI PARA OS ESCUTEIROS, PASSAMOS A TER SOSSEGO NAS TARDES DE SÁBADO...



POIS! MAS HOJE ELES FORAM PARA A BARRAGEM, E ISSO DEIXA-ME UM POUCO PREOCUPADA...



ORA, ORA... ELES TÊM JUÍZO...



ESPERO!



É NA BARRAGEM...

ENTÃO VAMOS LÁ COM OS BARCOS PARA A ÁGUA...

E PODEMOS PÔR A BANDEIRA DO AGRUPAMENTO?



CLARO, CLEMENTE!

RAPAZINHO INTELIGENTE...



EU É QUE AGRAFO!

TCHAC!  
TCHAC!  
TCHAC!



PFF F F F F F F F

UPS!



Fim

Cartoon





**movimento  
de encontro  
novas  
tendências  
escutistas**